

LITERATURA INGLESA: DA ORIGEM AO PERÍODO PRÉ- RENASCENTISTA, UM PANORAMA DAS IDENTIDADES SIMBÓLICAS E IDEOLÓGICAS

Kárpio Márcio de Siqueira*

RESUMO:

Este artigo mostra uma visão panorâmica da Literatura Inglesa desde o período inicial até o século XV, entrelaçada nas heranças culturais deixadas pelos povos que dominaram aquela região, e lá deixaram suas marcas ideológicas, simbologias e identidades. Ajuda também a entender essa Literatura como subsídios de outras e como elemento importante na construção da linguagem literária.

Palavras-chave: Literatura Inglesa, Ideologia, simbologia.

ABSTRACT:

This article shows a panoramic vision of the English Literature since the initial period until XV century, interlaced in the cultural inheritances left by the people who had dominated that region, and there had left its ideological marks, symbologies and identities. It also helps to understand this Literature as subsidies of others and as an important element in the construction of the literary language.

Key words: English Literature, Ideology, symbology.

INTRODUÇÃO

O presente texto direcionado a estudiosos da literatura universal e em especial a de língua inglesa, marca uma visão geral da literatura inglesa, multifacetada nas esferas simbólicas, ideológicas, identificadoras e pelas suas contribuições para as outras literaturas. O universo da Literatura Inglesa envolve desde as características geográficas até o modo de vida das pessoas que habitam aquela região (Bretanha), sua atmosfera é envolta num aspecto literário diverso que produz uma variedade de intertextos e provoca no pesquisador/leitor diferentes sensações pertinentes à variação dos tons, do cromático, da espiritualidade, da linguagem, da tipificação dos personagens e do distanciamento original do academicismo. È

* Especialista em Linguística aplicada à Língua Portuguesa; Especializando em Literatura Brasileira; Coordenador da Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Colégio Sete de Setembro, Paulo Afonso/BA ; Professor de Literatura Inglesa e Norte-Americana da Faculdade Sete de Setembro – FASETE. , Paulo Afonso/BA.

relevante destacar a tradição oral dessa literatura que remete sua originalidade a uma literatura de criação popular que posteriormente foi absorvida e ideologicamente modificada pelas classes dominantes. Nessa atmosfera o tecido textual em construção vislumbrará as muitas vertentes da Literatura dos Ingleses.

1. LITERATURA INGLESA: O QUE VEM A SER ESSA LITERATURA?

Ao vasto campo da Literatura Inglesa é importante elucidar seu aspecto inicial, que apesar de ter seu ápice de desenvolvimento na Bretanha, não exclui de seu corpo quaisquer escritos que por ventura venham representar aqueles povos ou que utilizem a sua língua materna como código literário. Burgess afirma que

A Literatura Inglesa é a literatura escrita em inglês. Não é apenas a literatura da Inglaterra ou das Ilhas Britânicas, mas um corpo vasto e crescente de escritos constituído pela obra de autores que usam a língua inglesa como um veículo natural de comunicação. (2005, p.17)

Nesse ambiente é intrínseca uma literatura, que durante muitos anos esteve livre de influências externas, por se tratar de uma ilha e ter como vantagem o isolamento de outras civilizações, porém foi influenciada pelos povos que dominaram aquela região durante vários séculos, deixando suas marcas sociais, sua religiosidade, cultura e pensamento. Entre os povos que contribuíram para a formação dessa literatura destacam-se os Romanos, os Celtas e os Germânicos.

1.1 Os Romanos

A Inglaterra foi dominada por quase 4 séculos pelos povos romanos, que ali depositaram sua organização política, sua cultura e sua religiosidade, dentre as suas maiores contribuições para a Bretanha, estão o Cristianismo, a organização política e social, a oficialização do Latim e a introdução dos diversos gêneros literários (épico, lírico, tragédia, comédia, sátira, história, biografia e prosa narrativa) que contribuíram para o desenvolvimento da literatura e da constituição posterior da Língua Inglesa, como afirma Silva,

A contribuição romana para a cultura britânica se evidencia tanto por terem sido eles a levar o latim para a Bretanha quanto por terem estimulado o seu

aprendizado entre os celtas [...] sendo a sua maior contribuição o cristianismo, representado pela igreja católica. (2005, p.22)

Assim se pode dizer que a literatura inglesa está imbuída de aspectos que foram introduzidos pelos romanos e que enriqueceram-na, proporcionando uma literatura híbrida e multifocada.

1.2 Os Celtas

A sociedade celta tinha como principal característica a veneração pela natureza, pois acreditavam que ela detinha o equilíbrio do mundo. Sua religiosidade era voltada para o misticismo, o sobrenatural, elegendo a Deusa – mãe natureza como o seu “Deus supremo”, em relevância, a sociedade celta tinha muitos traços distintos da romana entre eles o entendimento da figura feminina como ser de igual valor na sociedade. Nessa perspectiva é “importante ressaltar que as mulheres eram tratadas como iguais perante aos homens e podiam inclusive se tornar líderes de sua tribo”. (SILVA, 2005, p.19)

Pouco se sabe sobre a Literatura Celta, devido ao quase extermínio de suas heranças culturais pelo domínio dos romanos e anglo-saxões, como vislumbrar BOSI, ao afirmar que:

A conquista colonial causa desenraizamento e morte com a supressão brutal das tradições” [...] A denominação econômica de uma região sobre outra no interior de um país causa a mesma doença. Age como conquista colonial e militar ao mesmo tempo, destruindo raízes, tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra.(2000, p.17)

Dentre os resquícios da cultura celta, existem ainda contribuições para a literatura inglesa, destacando o sobrenatural, a sua religiosidade envolta nos quatro elementos da natureza (fogo, água, terra e ar), a figura feminina heróica, a natureza como elemento espiritual (panteísmo) e como integradora da sabedoria e do misticismo.

1.3 Os Germânicos

Mesmo diante do pré-julgamento romano de que eram bárbaros, pois detinham cultura diferente, os Germânicos governaram a Bretanha por mais de 6 séculos e contribuíram tanto para a formação da língua inglesa como para sua literatura e cultura, pois segundo White, “[...] cultura é um processo acumulativo de todas as experiências históricas das gerações anteriores” (apud LARAIA, 2002, p.).

Entende-se que os séculos que antecederam o ano de 1066 d.C. eram compostos por um desenvolvimento considerável na área de conhecimento, comunicação, comércio e das artes.

2. UMA LITERATURA HÍBRIDA

É comum na literatura inglesa a mistura de traços dos diversos povos que contribuíram para a construção da identidade cultural da Inglaterra. Observa-se que as tais contribuições foram tão fortemente absorvidas que mesmo face às interferências e censura da cultura e religiosidade vigente nas diversas épocas, era quase impossível exterminar por completo aspectos culturais populares. Mesmo depois do surgimento do Cristianismo, e da igreja ter manifestado o interesse pela literatura e conseqüentemente estabelecido como objetivo a catequese, a herança popular se conservava e permanecia discretamente no convívio social do povo.

2.1 Do cunho oral a escrita ideológica.

Durante muitos anos a literatura inglesa foi conservada, diante apenas da cultura de transmitir os saberes e histórias populares entre os membros das famílias de maneira oral, o que nos dá uma idéia de que, originalmente, esse aspecto da oralidade era traduzido como “literatura popular”. Porém a igreja sentia-se enfraquecida diante dos conhecimentos pagãos que eram transmitidos nessas histórias e se apropriou dessas mensagens registrando-as e adicionando personagens e ideologias cristãs, criando dessa forma um caminho direto para a conversão do povo pagão em cristão e fortalecendo o sistema de governo e a manutenção dos poderes da igreja católica em meio ao Feudalismo.

3. AUSÊNCIA DO ACADEMICISMO EM SUA FASE ORIGINAL

“Sem forma” é a expressão utilizada por muitos estudiosos quando se referem à literatura inglesa. Mas se não existe um formato idealizado, como se pode entender essa literatura?

De fato não existe até o século XVII qualquer semelhança no desenvolver literário com outras escolas acadêmicas, só a partir do período elisabetano, em que há a abertura para as grandes navegações, que o fluxo de informações cresce incessantemente e a Inglaterra se

contamina com as idéias e pensamentos renascentistas. Porém há alguns séculos atrás, o que compunha as características da literatura inglesa era o modo como o texto oral ou escrito era desenvolvido, sem se deter a influências. O tecido textual de cada momento representativo da literatura inglesa, apresentava-se recheado de cultura, religiosidade e pensamento dos autores contemporâneos de cada época, logo destacam-se os períodos da Literatura Anglo-saxônica e da Literatura Medieval.

3.1 Literatura Anglo-saxônica

Uma literatura de caráter anônimo tendo como sua principal obra “Beowulf”, um poema épico recheado de acontecimentos sobrenaturais e misticismo, originalmente pertencente ao repertório das estórias orais do povo. Do ponto de vista simbólico, percebe-se a presença do Cristianismo, mesmo religiosamente considerados pagãos, a Literatura dos anglo-saxões foi registrada pelos monges da igreja católica e aos seus registros adicionados termos e idéias do cristianismo. Ainda nesse período é desenvolvido o gênero textual lírico, com a intenção de refletir na literatura o estado da alma do homem, um momento frio, melancólico e solitário, que figurava na fala dos scopas e no registro dos monges, endossa Silva,

Se os scopas transmitiram esses poemas, foram os monges que os preservaram. Nesse processo devemos considerar que o fato de que alguns elementos cristãos foram incorporados, ao passo de que alguns elementos pré-cristãos eliminados. Os poemas líricos anglo-saxônicos, portanto, mesclam a tradição dos scopas e dos monges. (2005, p.48)

No entanto, é nessa época que se consegue perceber uma estruturação do fazer literário inglês, que dando seqüência ao que inicialmente “Beowulf” representou, utiliza-se de recursos da literariedade como referências para a produção dos textos, entre eles as kennings (espécie de metáfora), a aliteração, a metonímia, a sinédoque, o tom elegíaco e a lamentação como podemos perceber no poema lírico a seguir:

Onde estão o cavalo e o cavaleiro?
Onde está a trombeta que estava tocando?
Passaram como chuva na montanha,
Como vento nos prados.
Os dias sumiram no Oeste,
Atrás das colinas,
Para as sombras

(in Silva, 2005, p.50)

Confere também ao período anglo-saxônico, a origem das baladas, que eram grandes poemas narrativos com sonoridade expressiva, nos quais se podia encontrar as ações do narrador e as falas dos personagens, bem como a poesia lúdica, “ As Charadas” que tratavam de um conjunto de adivinhas que versavam sobre temas bélicos, do mundo natural, de objetos domésticos, de matérias agrícolas, de ordem lexical medieval como se vê no parágrafo abaixo.

Uma traça comeu palavras. Assim me pareceu, / ao saber daquele estranho
acontecimento, aquele fato curioso, / que o inseto, um ladrão na escuridão,
devorou / o que foi escrito por um homem, sua linguagem sublime / e sua
base sólida. O gatuno desconhecido não ficou / nem um pouco mais esperto
por ter engolido aquelas palavras.
(uma traça de livros)

(in Silva, 2005, p.55)

3.2 Literatura da idade média

Kroeber-Antropólogo americano, afirma que “*Toda cultura depende de símbolos* [...] o comportamento do homem é simbólico” (in Laraia, 2002, p.97) dentro dessa ótica, a tríade, política monárquica, feudalismo e igreja, ambientaram as produções literárias do período médio, recheando a literatura medieval de imagens e representações de idéias e intencionalidades cristãs.

Um ponto de relevância cultural dessa época era a diversidade lingüística, um número mesmo que pequeno de pessoas, que falavam mais de um idioma e por conseqüência construía uma literatura de vários dialetos, o que dificultava a circulação dessa arte, detendo-se apenas a região de origem. No entanto, é nesse período que são promovidas as marcas literárias mais significantes da literatura inglesa, momento em que havia a necessidade de consolidar a língua nativa, e através dela reproduzir idéias e pensamentos que chegassem de maneira eficiente ao povo. (ver com Socorro)

Destaca-se na Literatura, o poeta Geoffrey Chaucer, tendo como tema recorrente nos textos, o refinado e sofisticado cultivo do amor, descrito pela expressão moderna “amor cortês”. Porém é na produção narrativa que Chaucer promove os Cantos da Cantuária, “ The Canterbury Tales - uma série não terminada de histórias que seriam contadas por um grupo de peregrinos que viajavam pela nação”, mostrando toda estrutura social da Inglaterra durante o Feudalismo e tratando a Monarquia e o Clero, como elementos que proporcionaram produção de comédias e denuncia social. Dessa forma essa história elucida a hipocrisia e o falso

moralismo vigente na época. Assim Chaucer vem contribuir também para o processo de consolidação da Língua Inglesa, ao unir os variados discursos das classes sociais numa mesma obra.

Concentrando-se no período médio, é notável a herança céltica traduzida pelas estórias do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, envoltas na prosa inglesa, compondo o ciclo das lendas arturianas, escritas por Thomas Mallory que tinham como característica a mistura da nostalgia cavaleiresca com sentimentos trágicos. Posteriormente essas estórias receberiam um tom da religiosidade cristã, considerando temas ligados à cultura céltica como heresia e bruxaria. “Assim, no conceito comum, os velhos deuses foram interpretados como demônios” (BORGES, 2005, p. 4)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a Literatura Inglesa é ampliar o olhar sobre o tecido literário universal, é ainda utilizar a semiótica como instrumento na projeção de diversas impressões e leituras, é viajar pela antropologia, cultura, história, ideologias, simbologias e identidades que permearam e permeiam o fazer literário da Inglaterra, entendendo a importância do conhecimento de outras literaturas num nível mais profundo para compreender a nossa própria, e a partir dessa ciência consolidar de uma maneira sistêmica literatura e linguagem como representantes da expressão do pensamento e sentimento humanos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. Martins Fontes, 2002.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira – Temas e situações**. 4. ed. São Paulo: SP: Ática, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – Um conceito antropológico**. 15.ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar editora, 2002.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. Local, Editora Ciência Moderna. 2005.

TRÍADE DA ECOLOGIA HUMANA NO CENÁRIO DA PEDAGOGIA SOCIOAMBIENTAL: ÉTICA, ESTÉTICA E BEM-ESTAR

Mônica Maria Vieira Lima Barbosa*

RESUMO:

A Ecologia Humana na Práxis da Pedagogia Socioambiental é um formato que nos permite pesquisar e catalisar conhecimentos de Gestão/Educação Ambiental a um nicho ecopedagógico, que parte da sensibilização humana para uma percepção atenta e inteligente do momento contemporâneo, entendendo a visão restrita dos direitos humanos para a defesa dos direitos de todos os seres vivos e não-vivos. Nessa vertente, a concepção curricular Educacional, por meio da Educação Ambiental deve ser questionada, de forma vigorosa, no panorama escolar e na sociedade. A sensibilização e a necessidade de viabilizar formas de desenvolvimento sustentável adequada ao meio ambiente, deve perpassar por uma projeção de ensino focalizada na práxis e na imaginação dos educandos e educadores para compactar o objetivo e o subjetivo, em torno de situações concretas, historicamente compreendidas e geograficamente contextualizadas, fomentando a significação dos seus princípios *Éticos*, de uma visão holístico-estética e de uma vivência do Estar Bem-estar. Partindo dos preceitos acima, esse trabalho se direciona a realidade sócio-ambiental no intuito de contribuir para a preservação do meio ambiente sob a vertente da ecologia humana, dentro de uma perspectiva pedagógico-educacional. Dessa forma aborda-se o princípio da ecologia humana bem como o comportamento ético perante o meio ambiente.

Palavras-chave: Ecologia Humana, Pedagogia Socioambiental, Educação Ambiental, Ética, Estética, Estar bem-estar.

ABSTRACT:

The Ecology Human being in the Praxis of the socio ambiental pedagogy is a format which allows us to search and to catalyze knowledge of Management/Ambient Education to a ecopedagógico niche, that has broken of the sensitization human being for a intent and intelligent perception of the moment contemporary, it has understood the restricted vision of the human rights for the defense of the rights of all the beings livings creature and not-livings creature. In this source, the educational the curricular conception, by the Ambient Education, must be questioned, in a vigorous form, in the school panorama and the society, to the sensitization and the necessity to make possible forms of adequate sustainable development to 'environment', that overpasses for one projection of education focused in the praxis and the imagination of the students and educators to compact the objective and the subjective one, about concrete situations, historically understood and geographically contextualized, fomenting an indispensable meaning of its *Ethical* principles, an *Aesthetic* holistic vision and an experience of *being Well-being*. From the precepts above, this work is guided to a socio-ambiental reality, and it is intended to contribute to the environmental preservation based on

* Pedagoga, Especializanda em Ecologia Humana e Mestre em Ciência da Educação; professora da UNEB campus VIII. E-mail: monicamvlb@yahoo.com.br.

the human ecology in a educational pedagogy perspective. In this way, it broachs the ecology human principle and the ethical behavior face to the envorronmenal.

Key words : Ecology Human being, Pedagogia Socioambiental, Environmental , Ethical, Aesthetic Education, being well-being

INTRODUÇÃO

Em nenhum período conhecido da história humana a Ecologia Humana precisou tanto de uma mudança de paradigma. Diante da realidade mundial e das alterações ambientais atuais, precisamos de um processo pedagógico que incorpore uma análise da realidade socioambiental à compreensão ética e espiritual. Nesta vertente, é no sentido de promover a articulação das ações educativas voltadas às atividades de conservação, preservação e melhoria socioambiental e, de potencializar a compreensão do nicho ecológico, que vários sistemas viabilizam diretrizes dentro das suas especificidades: o sistema jurídico cria um *direito ambiental*, o sistema científico desenvolve uma *ciência complexa*, o sistema tecnológico cria uma *tecnologia eco-eficiente*, o sistema econômico potencializa uma *economia ecológica*, o sistema político uma *política verde*, e o sistema educativo fornece uma *Educação Ambiental*.

O desafio em questão é a forma de viver daqui em diante sobre o planeta Terra, visto que, não haverá verdadeira resposta à crise ecológica, a não ser em escala planetária a operar com autenticidade uma revolução política, social e cultural, a reorientar os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Nesta visão, a *Tríade da Ecologia Humana no Cenário de uma Pedagogia Ambiental: Éticos, Estéticos e Estar Bem-estar* norteia um currículo, contemplando princípios básicos a superar uma alienação em relação ser humano e natureza, sociedade e cultura, concepção do conhecimento e concepção da educação, a analisar diretrizes educacionais no panorama do ‘meio ambiente’.

1. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ECOLOGIA HUMANA: *Integração Homem - Ambiente*

Ao longo da história da humanidade os valores e os padrões éticos constituídos não se incorporaram a dimensão ambiental. Os paradigmas filosóficos, éticos e econômicos levaram o homem a distanciar-se da Natureza. Este distanciamento impede que a sociedade reflita sobre a relação dos homens entre si e destes integrados à natureza. A alienação estabelecida desagrega os diferentes elos que compõem o ambiente natural, entre eles e o próprio homem.

Nesta vertente, a Ecologia Humana vem contribuir em um processo interativo, participativo e crítico, para o surgimento de uma nova ética socioambiental. Esta nova ética está vinculada e condicionada à mudança de valores, atitudes e práticas individuais e coletivas. Para que possamos viver e sentir a construção deste processo, é preciso que a sociedade re-signifique o pressuposto fundamental da Educação Ambiental: *integração entre as partes*, formando um todo, em interação constante Homem-Ambiente, valorizando as instâncias da razão, do sentimento, da afetividade e do prazer, que somarão energia para uma ação coletiva, demonstrativa de um novo modelo de sociedade, fazendo acontecer um novo paradigma *ético* a apreciar um cenário *estético* e vislumbrar o *estar bem-estar*.

2. CENÁRIO DA PEDAGOGIA SOCIOAMBIENTAL

2.1 Pedagogia Socioambiental Formal

Em virtude das alterações ambientais globais, induzidas por dimensões humanas, agravaram a crise ambiental, produzindo mudanças indesejáveis. A esse olhar, a *Educação* que recebeu o adjetivo *Ambiental*, envolve a discussão de questões ambientais complexas e multifacetadas tão díspares como a hiperurbanização, o indício de rarefação de recursos naturais essenciais à dinâmica das economias modernas, a explosão demográfica em países em desenvolvimento, a perda irreversível de biodiversidade, a alienação consumista, as alterações climáticas globais, que a presente Educação Ambiental passou a ser considerada como uma das mais eficazes formas de enfrentar esse grande e nefasto desafio.

A par dessas manifestações, a sociedade global se tornou mais injusta, desigual e insensível. A busca de soluções requer cooperação em nível internacional, todavia, um leque de teorias contemporâneas denuncia que os países desenvolvidos têm responsabilidade especial, no qual devem ter metas de redução mais altas e dar ajuda financeira às nações pobres, como compensação pela poluição que causam.

Metas essas, nas quais se faz necessário a formulação, implantação e implementação de políticas públicas de Educação Ambiental. Assim, a criação do Programa Nacional de Educação Ambiental se configura como um esforço do governo federal no estabelecimento das condições necessárias para a gestão da Política Nacional de Educação Ambiental Lei 9.795 de 27/04/1999 a fortalecer os processos na sociedade brasileira. Os princípios básicos que deverão nortear as atividades de uma *pedagogia socioambiental formal* é o de estimular a

abordagem interdisciplinar dos conteúdos ambientais, trabalhando os mesmos de forma local, regional e global, equilibrada e imbricada ao currículo básico dentro das diferentes disciplinas existentes.

A Educação *Sociambiental Formal* tem como principal instrumento a Escola, mas para que o tópico Meio Ambiente seja incorporado ao cotidiano escolar, por intermédio das áreas do conhecimento e não apenas se mantenha como um tema convencional em semanas ou atividades comemorativas. É necessária uma proposta de ação contínua, que a escola desenvolva programas e/ou projetos ambientais, contemplando produção de materiais técnicos específicos, treinamentos de professores e estímulos dos diferentes atores envolvidos à execução a partir de uma abordagem interdisciplinar.

2.2 Pedagogia Socioambiental Não-Formal

A articulação das ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação e melhoria socioambiental viabilizam diretrizes quanto à mudança de comportamento do indivíduo para com o mundo e com o outro. Pode se inferir então que ninguém pode estar no mundo, numa relação com o mundo e com os outros de forma neutra, visto que, no mundo da história, da cultura, da política, constata-se ações não para adaptar, mas para mudar. Canalizado a este saber, FREIRE (1996, p. 88) afirma que: [...] “mudar é difícil, mas é possível”. Diante disso se pode programar uma ação político-pedagógica, não importando se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.

Nesse sentido, a vida é a própria humanidade. A evolução da humanidade chegou a uma fase, na qual nenhum poder econômico ou político é capaz de controlar e colonizar inteiramente a explosão do conhecimento. Doravante, só será possível sonhar com uma sociedade onde caibam todos, se também nossos modos de conhecer conduzirem uma visão holística, na qual caibam muitos mundos do conhecimento e do comportamento. A educação se confronta com a apaixonante tarefa de formar o homem, uma vez que, deve fomentar mudança de comportamento e promover o desenvolvimento de uma compreensão mais realista no mundo.

O papel da Educação Ambiental, nesse contexto, torna-se mais urgente, uma vez que, o processo, em nível internacional, nesse sentido, ainda é tímido. Poucos países conseguiram estabelecer o processo preconizado e acordado nos encontros internacionais. É óbvio que

houve conquistas, mas estas estão sendo insuficientes para provocar as mudanças de rumo que a velocidade de degradação ambiental requer. A velocidade com a qual se devastam e se desequilibram os sistemas que asseguram a sustentabilidade humana na Terra, continua infinitivamente superior à capacidade de gerar respostas adaptativas e culturais, principalmente, no panorama educacional, que ainda impera uma instigante indefinição política, provocada pela ignorância ambiental e pela omissão da mídia preocupada em noticiar catástrofes ambientais, com as quais reduz no cotidiano, o seu papel formador da comunicação social e crítica.

Balizado neste fundamento, a *Pedagogia Socioambiental Não-Formal* é direcionada à comunidade, e ambas estão focalizadas em melhorar a qualidade de vida e fortalecer a cidadania, promovendo a disseminação do conhecimento sobre o ambiente, sendo esse aspecto essencial para a inserção política, social e econômica da população, que deve ser incorporada como parte do aprendizado, contribuindo decisivamente para ampliar a sensibilização e mobilização ambiental e ética, consoantes com o desenvolvimento sustentável.

3. CONCEPÇÕES AMBIENTAIS: Ética, Estética e Estar Bem-estar

Deve estar claro que, ao falarmos das concepções ambientais e práticas históricas, é abordar diretamente a questão do sentido das relações humanas, remetidos aos modos de conhecimento, visões de mundo, paradigmas de compreensão, saberes e ciências, enraizados à complexidade do nicho ecológico. Nesta vertente, ao considerar que o sistema é complexo, uma educação para o desenvolvimento sustentável deve contribuir para formar todos os seres humanos com “*valores Éticos, apreciar a Estética e vivenciar o Estar Bem-estar, conforme o organograma da tríade*”.

3.1 A Dimensão da Ética Ambiental

A crise ecológica não tem alternativas realistas fora de um ambientalismo sustentado numa *ética* complexa e multidimensional que recupere o sentido da fraternidade, o sentido espiritual da vida social e natural. O surgimento de uma ética ecológica representa uma

expansão e recuperação dramática da experiência moral da humanidade. Nessa fundamentação, os presentes valores morais contemplam a Educação Ambiental, uma vez que, perpassa pelo complexo da sociedade em consonância com os aspectos ambientais e de como está formada a sociedade no mundo. Nesse sentido Morin afirma que

Dessa maneira, uma sociedade é mais que um contexto: é o todo organizador de que fazemos parte. O planeta Terra é mais do que um contexto: é o todo ao mesmo tempo organizador e desorganizador de que fazemos parte. O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas uma das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo. [...] é preciso recompor o todo para conhecer as partes. (2001, p. 37)

Neste preâmbulo, ensinar a identidade terrena como condição humana é essencial. É preciso educar para conquistar um vínculo amoroso com a terra, não para explorá-la, mas para amá-la. É preciso compreender que somos interdependentes em uma visão para a consciência planetária, onde é necessário formar para a *ética do gênero humano*, educar para se comunicar. No enfoque e, compreendendo que a Terra é uma só nação, onde as vidas precisam ser guiadas por novos valores como simplicidade, austeridade, quietude, paz, é necessário saber escutar; saber viver juntos; compartilhar; descobrir e fazer juntos; escolher entre um mundo mais responsável frente à cultura dominante; praticar a sustentabilidade na vida diária, na família, no trabalho, na escola e na rua. Mininni-Medina (2001, p. 71) destaca:

O respeito à vida em todas suas manifestações, a **participação cidadã**, a **democracia**, entendida como a possibilidade real de todas as pessoas – homens e mulheres – de todas as idades, para participarem ativamente e eficazmente na construção de seu projeto de vida e na tomada de decisões que os afetam.

Retomando a discussão de ética é importante ressaltar as idéias de Leff (2001). De acordo com ele a *ética* surge com as primeiras civilizações, como sistemas de valores que devem orientar a sobrevivência do ser humano, visto que, face à produção em massa; ao desenvolvimento centralizado; ao congestionamento das megalópoles; à homogeneização da cultura; à produção e ao consumo; aos sistemas hierárquicos e autoritários de tomadas de decisões, a ética ambiental reivindica os valores do humanismo: a integridade humana, o

sentido da vida, a solidariedade social, o reencantamento da vida e a erotização do mundo. Os valores só podem ser ou existir, se analisados e interpretados em relação ao homem, no sentido ou finalidade de sua vida, existência. Neste sentido, falar em ambiente é falar em pessoas e suas relações. É falar em *Ética*, em formas de conhecimento, visões de sentido do mundo/universo, do ser/essência e do humano/ético. BERESFORD reforça o valor da humanidade, quando diz:

O processo de humanização do mundo é o processo da cultura, fazendo com que o homem imprima no mundo da natureza uma escala de valores humanos [...] ‘rearrume’ a natureza de acordo com suas carências e de acordo com elas, encontre no mundo aquilo que representa os valores. (1999, p. 53-66)

Fundado em valores pós-materiais, o progresso econômico colocou o mundo às portas de uma sociedade de pós-escassez, em que para os países industrializados esta ordem global propõe uma nova *ética* frente à abundância e, para os subdesenvolvidos, se traduz num problema de sobrevivência, satisfação de necessidades básicas e dignidade humana. LEFF fortalece essa visão: *A ética ambiental propõe um sistema de valores associados a uma racionalidade produtiva alternativa, a novos potenciais de desenvolvimento e a uma diversidade de estilos culturais de vida.* (2001, p. 86)

A interdependência de todos os seres, de sensibilidade humana e de conhecimento diante do universo vislumbra uma visão de *Ecologia Humana* que têm um norte para o sentido da vida. Há de ser progressivo e urgente, um comprometimento à construção de novas relações humanas, de caráter solidário, atuando pela consolidação de práticas sociais e ecologicamente sustentáveis, considerando-se aí as mudanças na natureza e na sociedade e suas relações com a vida como um todo, uma vez que, não obstante, o homem aprecia uma natureza comportada, a partir de sua *Estética* urbana e moderna.

3.2 A Dimensão da Estética Ambiental

Para Ruscheinsky, (2002) a presença da estética e da arte em nossas sociedades se faz a partir de dois paradigmas antinômicos: um que privilegia o mundo como natureza ativa relegando ao sujeito um papel contemplativo; o outro que distingue o sujeito como agente

interventor e criador de cultura, deixando à natureza a condição de objeto passivo. Neste cenário, a percepção das belezas da natureza ou dos graves problemas ambientais constitui elemento importante à compreensão da temática ambiental. Todavia, quando essas noções ficam simplesmente na ação de sensibilização, não produzem avanços significativos para uma compreensão mais abrangente da sociedade, nem se refletem em mudanças de atitudes e, muito menos, ajudam a construir uma nova forma de racionalidade ambiental (Panorama de Educação Ambiental no Ensino Fundamental, 2000).

A dimensão política da Educação Ambiental por seu caráter transformador ultrapassaria seu enfoque e suas relações como ciência da criação e da arte, na qual compõe a própria essência, exigindo sensibilidade, competência emocional e ações para desenvolver respostas, que considerem a subjetividade e as pulsações coletivas de enfrentamento na sociedade. É nesse contexto, que queremos discutir considerações preliminares acerca da *estética* e da arte, visto que, não há como discernir o humano da *estética*. Esta *estética* define nosso rosto e nossa identidade, fatores essenciais que, certamente, corrobora para a compreensão da complexa diversidade, reconhecendo que a humanidade é um palco de conflitos e tensões. Na esfera *estética*, SANTOS focaliza:

O nascimento da *estética* está associado à crença numa ciência capaz de abstrair a subjetividade, a sensação, o gosto, o sublime, as paixões, a imaginação, a emoção, a contemplação. Estas categorias conceituais, amplamente negadas no discurso científico pelo grau de abstração que suscitam, serviram de base para a estruturação de uma epistemologia sobre a beleza. (2003, p. 33)

A *estética* é o aparecimento do que é, com o que fazemos. É a linguagem da verdade, que cuida do mistério, contudo o declara. A *estética* não é pura beleza, ela é também a declaração da feiúra, é a denúncia da monstruosidade, é a denúncia da problematização da violência espacial. O aumento da produtividade da terra com a revolução agrícola e o aumento da produtividade do trabalho, com a revolução industrial são fatores reais que contribuíram para a aceleração no impacto espacial, explodindo a sociedade territorial e, conseqüentemente, comprometendo a Estética Ambiental.

A esta vertente há instrumentos participativos, na tentativa de buscar solução para a problemática ecológica, por meio de uma implementação de políticas públicas, garantindo-se instâncias de interferência da sociedade: estabelecimento de padrões de qualidade ambiental;

avaliação de impactos ambientais; tecnologia para melhoria da qualidade ambiental; criação de espaços territoriais protegidos; conselhos de meio ambiente; gestão democrática da cidade. A dinâmica presente, compreendendo a complexidade ambiental ao cultivar relacionamentos, facilitar escolhas sadias, aprender a viver em harmonia com a natureza e atender às necessidades básicas de todos, é que a sociedade pode implementar um novo paradigma na relação de uma concepção no consumo para uma concepção no bem-estar.

3.3 A Dimensão do Estar Bem-estar

Uma vez que há interação do ser humano com a natureza, por meio de suas relações sociais, da política, da ciência, da arte e da tecnologia, é urgente garantir o futuro da humanidade, no qual, sinaliza a existência de uma crise ambiental. Nesta dimensão, para viver bem, é necessário suprir as necessidades físicas, emocionais, psicológicas e espirituais, que dão equilíbrio à existência humana.

Nesse enfoque, as considerações sobre a qualidade de vida impõem uma discussão sobre a produção em massa e homogênea de mercadorias para satisfazer necessidades humanas que se estabelecem em condições ecológicas e culturais diferenciadas. LEFF (2001, p. 325) fortalece isso ao retratar o conceito de qualidade de vida à saúde ambiental: [...] *está mobilizando a sociedade civil para promover novos direitos dos trabalhadores e da cidadania em geral, em torno da saúde no trabalho, da saúde de reprodutiva e de uma vida sadia e produtiva da população. A qualidade de vida não é quantidade de vida.*

A educação interage com a saúde do ser humano quando ele precisa aprender a melhorar a vida, por meio de cuidados com o corpo (adequada alimentação, repouso, higiene etc), necessidades psicológicas (de realização, de autonomia, expressão, lazer e comunicação) e espirituais (virtudes, propósitos de vida, transcendência). Assim, apesar de ter conceituação recente e inovadora, a Educação Ambiental destina-se a readaptação paradigmática de uma sociedade, cujos riscos ambientais presentes e futuros se refletem na segurança, alimentação e, portanto, no *Estar Bem-Estar* (*Estar Bem* = harmonia a transcender a autopercepção – que a vê mais bela / *Bem-estar* = É quando você constata que não está sozinha e confronta-se com o ambiente externo - corpo e mente em equilíbrio).

Ao vislumbrar a arte que perpassa pela ética e a estética, vinculam a conservação da diversidade biológica da Terra ao respeito à heterogeneidade étnica e cultural da espécie

humana. Contextualiza-se aqui o direito humano a conservar a identidade cultural e tradicional, o direito de forjar seu destino a partir de seus próprios valores e formas de significação do local e global, com a participação coletiva para o manejo de seus recursos de onde as comunidades derivam suas formas culturais de *bem-estar* e a satisfação de suas necessidades à qualidade de vida.

É mister citar o que denominam de evolução dos ideais de proteção ambiental e qualidade de vida no mundo contemporâneo, que prevaleceu em uma das concepções, a idéia de conservação de ambientes especialmente destacados e de forte componente *estético*, em um outro plano, a proteção foi se vinculando a uma certa qualidade de vida e *bem-estar* relacionados com a saúde humana e, abre-se um olhar à reflexão de um compromisso, que exige uma vivência ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Ecologia Humana* fomenta uma responsabilidade e solidariedade com as gerações presentes e futuras pautadas na compreensão da realidade como um sistema complexo, produto de múltiplas interações, e a capacidade para entender e assumir a sustentabilidade como um processo, dependente tanto das decisões humanas como de nossa capacidade para sincronizarmos com os ciclos da natureza. Analisa a interdisciplinaridade como diálogo entre o saber científico e o conhecimento tradicional das comunidades, entre cientistas de diferentes disciplinas e entre atores de diferentes campos do fazer, na integração homem – ambiente.

O panorama retratado vislumbra um *Cenário de uma Pedagogia Socioambiental* permanente e inesgotável, envolvendo uma implementação pedagógica centrada na compreensão da vida e em um currículo que ensine os princípios básicos, a superar nossa alienação em relação ser humano e natureza, sociedade e cultura, concepção do conhecimento e concepção da educação. Para conhecer melhor este ambiente complexo é indispensável uma Pedagogia Ambiental que não somente sensibilize, mas nos provoque a perceber-nos integrantes, dependente e agentes transformadores e formadores, e que estamos todos inseridos nos processos cíclicos da natureza e que deles dependemos para viver. Uma gestão socioambiental (Escola, Órgãos Governamentais e Não-Governamentais, Empresas, Comunidade Civil) deve contemplar uma responsabilidade coletiva, por meio de uma sensibilização a transcender todas as diferenças de raça, cultura ou classe social, a

Exemplificar a Ética, Apreciar a Estética e Vivenciar o Estar Bem-estar à sobrevivência da humanidade.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H.. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 8ª ed. São Paulo: Gaia, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 18 ed São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MININNI-MEDINA, Nana. (Coord.). **EDUCAÇÃO ambiental**: curso básico a distância: educação e educação ambiental I. 2ª ed. Brasília: MMA, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Juracy Marques dos. **Contribuição da psicanálise e psicologia da arte para o campo educacional**: Freud e Vygotsky em discussão. Salvador-BA: UNEB, 2003.

WEISSMANN, Hilda. **Didática das ciências naturais**: contribuições e reflexões. Porto Alegre: ArtMed, 1998.